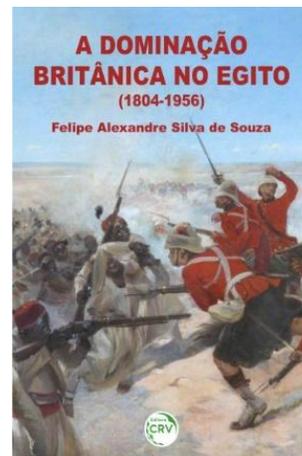


RESENHA

SOUZA, Felipe Alexandre Silva de. **A dominação britânica no Egito (1804-1956)**, 1ª edição. CRV, Curitiba, 2017, 168 p.



Os diversos interesses capitalistas na experiência britânica no Egito

GUILHERME TADEU DE PAULA*

Publicado pela editora curitibana CRV em 2017, fruto de dissertação de mestrado, “A dominação britânica no Egito (1804-1956)” é o livro de estreia de Felipe Alexandre Silva de Souza, uma audaciosa proposta de analisar um século e meio da tensa investida capitalista britânica no país africano, processo que, defende o autor, foi marcado pela violência e exploração, e que deixou marcas que ainda podem ser sentidas no presente. Neste ponto, a obra é filha de seu tempo, se considerarmos que tenha sido a perplexidade perante a correlação de forças expressas na Primavera Árabe que levou o autor a buscar conhecer as especificidades egípcias, mote inicial depois abandonado por sua pesquisa que se enveredou em outra direção, como nos conta tanto ele, como Rosângela Vieira, sua orientadora, autora do prefácio que apresenta o trabalho. No entanto, ao mesmo tempo que este trabalho é inscrito objetivamente no período imediatamente posterior à série de insurreições políticas nos países árabes, ele dificilmente pode ser reconhecido como um trabalho típico das pesquisas das Ciências Humanas na pós-graduação brasileira desta década. Isso se nota desde o título de seu trabalho, amplo e inespecífico, sinalizando o tamanho do desafio: o de pretender-se atravessar analiticamente

152 anos de uma experiência política pouco estudada por aqui.

Se, de um lado, estes prazos acadêmicos enxutos que ultimamente obrigaram que os pesquisadores optassem por recortes bem demarcados tornaram as atividades estudantis de pesquisa menos audaciosas, é importante ressaltar que grande parte dos trabalhos de qualidade produzidos na academia nos últimos anos assegurou o rigor e a qualidade precisamente por recorrer à segurança das minúcias e da especificidade. Neste sentido, recortes bem delimitados fizeram mais bem do que mal ao acúmulo de conhecimento - em suas vertentes mais diversas - produzido no país nos últimos tempos, e não faz sentido aqui divagar sobre as suas insuficiências. De todo modo, o que é possível afirmar é que entre, os limites e as possibilidades deste modelo, a iniciativa por trabalhos de maior fôlego e abrangência ficou quase sempre restrita aos pesquisadores de maior experiência nos temas estudados e de maior independência com relação aos prazos, o que realça o risco que correu Souza em seu problema de pesquisa e seu recorte proposto.

Deste modo, é compreensível que o autor tenha optado por recorrer a referências seguras a fim de estruturar sua narrativa.

Souza reivindica, como sua terra firme, a Análise dos Sistemas-Mundo, principalmente a de Immanuel Wallerstein e os Ciclos Sistêmicos de Acumulação, de Giovanni Arrighi. São estes dois aportes teóricos que lhe permitirão situar o seu objeto de pesquisa de modo mais específico: não era, portanto, simplesmente o caso de compreender ou expor o longo período de dominação britânica no Egito. Segundo Souza, o período que duraria de seu incipiente e colateral princípio na esteira dos avanços napoleônicos, em 1804, e terminaria atropelado pelos interesses dos Estados Unidos na região em 1956, expressava de modo diverso a correlação de forças em constante transformação do capitalismo mundial. Neste ponto, o autor é competente para apresentar tais teorias de modo pormenorizado e conectar as interpretações de Wallerstein e Arrighi para situar como o seu objeto, o Egito, atraiu distintos interesses e esteve submetido às lógicas de poder dominante de suas épocas – e como, nas complicadas tramas que se apresentaram, a Grã-Bretanha conseguiu sustentar o controle político do país, e assegurar, por este domínio, o máximo de riquezas que fosse possível.

Para levar adiante sua proposta, o autor mostrou além de vasto conhecimento histórico sobre as complexas tramas de relações políticas, econômicas e militares que afetaram, direta ou indiretamente, o Egito no período recortado por sua pesquisa, admirável facilidade para organizá-los de modo expositivo e controlar o ritmo de sua narração a fim de não perder de dimensão o fio condutor central. Neste sentido, é coerente afirmar que Souza soube manejar bem as referências mais esquemáticas, no caso, as análises estruturantes do Sistema Mundo e dos Ciclos de Acumulação, com as mais

nuançadas, como a ampla base bibliográfica dedicada aos estudos sobre a história egípcia. Para caminhar na jornada proposta pelo autor, o leitor esbarra na história dos avanços napoleônicos, no declínio do império otomano, no avanço imperial britânico na Índia, na nova configuração de potências europeias que emerge no século XIX, com a guerra civil americana, a descoberta do petróleo, as duas grandes guerras mundiais, e em diversos outros processos marcantes da experiência humana no período recortado pela pesquisa, em geral chamados à análise porque se mostraram importantes para as transformações e as determinações que delas se seguiram nestes anos em que o modo de acumulação capitalista de produção foi predominante no Egito.

Para desenvolver essa narrativa, Souza recorreu, ainda que de modo parcimonioso e não exatamente entusiasmado, à lógica explicativa da dependência. Neste caso, pensando por essas bases, o autor se manteve próximo a uma leitura mais comumente inserida na leitura marxista que se apoia no Sistema-Mundo, compreendendo a dimensão centro-periferia como uma relação em que o primeiro determina e o segundo é determinado. É este, afinal, o eixo central do esquema “Sistema-Mundo” para pensar países fora do “centro”, e, na proposta analítica da obra, ele serve como esse fio condutor que informa, determina e oprime, de fora para dentro, quaisquer esforços dirigentes autônomos, bem ou mal-intencionados, legítimos ou não, com ou sem base popular, criados desde o Egito. Não é só isso, porém, sua obra. Embora tome essas explicações estruturantes como eixo que guia o trabalho, o autor não se escorou nas respostas prontas que um esquema como este pode propiciar. E é neste ponto que reside o maior mérito

de seu livro: se a pesquisa toma como um dado a força demolidora dos interesses capitalistas em influenciar os rumos da política e dos modos de organização da sociedade egípcia, ela é bastante reticente em concordar que em todos os momentos o projeto capitalista britânico prevaleceu sem deixar coisas pelo caminho. Aqui, a narrativa do movimento do capitalismo, abstrato, dá lugar a uma complexa história dos homens, que atuaram com seus projetos específicos, motivados pelas necessidades básicas ou pelos interesses materiais, politizados ou meramente reativos, influenciados por valores ideológicos ou financeiros, e que, em mais de um século e meio, enfrentaram as expectativas e os projetos econômicos e sociais que vinham de fora para dentro e os transformaram cada qual ao seu modo, dentro das possibilidades colocadas em cada contexto.

Portanto, é possível perceber a preocupação de Souza de superar a compreensão básica de que havia “interesses capitalistas” colocados para situá-los historicamente e mostrar que, muitas vezes, eles significaram coisas muito distintas – e, não raras vezes, projetos rivais. O que se concebe num truismo quase abstrato, “interesses capitalistas”, na prática significava direções diversas: poderiam ser os interesses capitalistas de sua elite local – sempre dependente dos projetos que a economia capitalista internacional tinha para as riquezas naturais do país, os interesses capitalistas da oligarquia otomana que tentava resistir à derrocada e bancar seu imenso montante de dívidas explorando o Egito, os interesses capitalistas da burguesia industrial britânica que queria municiar suas fábricas têxteis com matéria-prima barata egípcia, os interesses capitalistas financistas dos banqueiros europeus, os interesses capitalistas franceses e

britânicos no Canal de Suez, os interesses capitalistas das companhias petrolíferas estadunidenses, entre outras demandas colocadas em cada distinto momento.

Ao final, analisando esta complexa correlação de forças, Souza conclui ser a Grã-Bretanha aquela que, no longo prazo, exerceu predomínio durante o período, o que não significa dizer ela que tenha sido a única força capitalista atuante no processo, nem que tenha conseguido dominar sem ter de lidar com as diversas demandas da sociedade egípcia que frequentemente se impunham. Neste ponto, é coerente afirmar que a obra de Souza é mais refinada e complexa do que o arcabouço pronto que a análise esquemática sobre a qual ela pretendia se erguer poderia garantir. Para conseguir esse feito, o autor não precisou rejeitar ou romper com os pilares do Sistema-Mundo ou dos Ciclos de Acumulação, mas apenas lembrou que, como narrativas explicativas amplas e de caráter estruturante, eles podem servir para sugerir a influência que vem das potências de cada período, não para explicar como a “periferia” processou essas demandas.

É possível dizer, portanto, que Souza superou as expectativas e conseguiu entregar um grande trabalho precisamente porque apresentou uma pesquisa de fato, não se apoiando em respostas básicas que esquemas podem propiciar. Além de constituir, a partir dessa operação, um tipo original de marxismo que trata de questões abrangentes sem ignorar fundamentais especificidades, o que por si só, torna a obra valorosa, Souza produziu também uma importante peça de conhecimento histórico em língua portuguesa sobre um país muito pouco conhecido na academia brasileira. Até hoje, com raras exceções,

o Egito é estudado em dissertações, teses e publicações em geral, a partir de seus aspectos culturais ou de sua história antiga, restando pouco interesse pela sua política do século XIX em diante, quando o capitalismo se tornou o modo de produção predominante no país. Sua obra traz uma pormenorizada análise de um longo e angustiante processo político a partir de uma apropriação dialética de uma leitura estruturante que, embora seja muito conhecida e bastante reivindicada, é quase sempre transformada em “método”, ou, em um termo estranho,

mas mais adequado ao tipo de operação em questão, em fórmula, numa equação cujo homem é quase um ser estranho à história. O maior mérito do autor foi captar, ao enfrentar um problema grandiloquente, com referências que o tempo todo convidava a simplificações, a experiência real de homens neste processo.

Recebido em 2017-07-04

Publicado 2017-08-04



* **GUILHERME TADEU DE PAULA** é formado em Ciências Sociais pela UEM, mestre

em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo e atualmente escreve sua tese de doutorado em História pelo PPH/UEM, sobre Thomas Paine, com bolsa Capes.